

# SOUZA, ALINE PRÚCOLI. *[in]porta:nte*. VITÓRIA: COUSA, 2021.



(Selfie)

Aline Prúcoli Souza\*

\* É escritora-visual e photo-grafista, autora das obras literárias: *pustulâncias: menina bruta* (2017); *temporária* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2017); *anatomia* (2017); *[in]porta:nte* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2021); e *resto de jan[ela]: um tratado de esteganografia - volume 1: a nigredo* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2022). É professora de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes – Campus de Alegre), além de atuar como professora permanente da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em Humanidades do Ifes – Campus de Alegre. É doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Realizou estágio pós-doutoral em Artes junto ao PPGA-Ufes (2017-2020); e estágio pós-doutoral em Artes junto à Universidade Regional do Cariri – Ceará (2024).

**[A**lines]: [
   
 escrevo como quem chega depois. antes da escrita, há sempre
   
 uma experiência q me atravessa, 1 vivido q me marca &
   
 arremessa os pensamentos p/ longe & p/ dentro. ã escrevo por
   
 encomenda, nem por antecipação: a escrita, p/ mim, ã antecede o mundo, ela o
   
 encontra sempre muito visceralmente. há, também, uma recusa d controle no q
   
 faço. cada 1 d meus livros é, d alg'1 modo, 1 impossível — ã pq ã c realize, mas
   
 pq c constrói justo enquanto estratégia p/ tornar-c possível. lido diariamente c/
   
 a falha, os intervalos, c/ coisas q ã c resolvem & q demandam alg'1 tipo d
   
 resolução, ainda q provisória & silenciosa. paradoxalmente, suspeito q, c tivesse
   
 todo o tempo do mundo, nenh'1 d meus livros existiria. é a necessidade & o medo
   
 d ã conseguir q movem a minha escrita & q a arrancam d sua inércia. escrevo p/
   
 experimentar. ã no sentido d testar algo já sabido, mas d me colocar em risco
   
 diante da linguagem. interessa-me reunir o q é diverso & juntar cacos s/ a
   
 promessa d compor uma unidade. escrever, então, torna-c 1 exercício d olhar
   
 por entre frestas, ã p/ ver melhor, mas p/ ver mais do mundo. o outro, nesse
   
 processo, nunca é exterior. é sempre espelho, superfície d projeção & d retorno.
   
 ã escrevo sobre o outro, mas a partir dele & através dele, como c toda alteridade
   
 carregasse também uma dobra íntima. *[in]porta:nte*, realizado antes d eu me
   
 tornar mãe dos gêmeos nino & nilo, marca 1 limiar nesse percurso. há nele ainda
   
 a deriva solitária, o tempo dilatado da observação, o corpo disponível p/ errar
   
 pela cidade. depois, a experiência da maternidade reconfigura ã apenas o tempo,
   
 mas o próprio gesto d escrever, embora talvez mantenha intacto o seu motor:
   
 essa tentativa contínua d dar forma ao q escapa. no fim, ã escrevo p/ afirmar
   
 algo definitivo, p/ fixar 1 estilo ou uma assinatura q me estabilize. escrevo p/
   
 duvidar — sobretudo d mim mesma —, p/ vacilar, p/ errar. c há afinidades entre
   
 meus livros — uma insistência na plasticidade verbal, uma atenção à gramática
   
 do visível —, elas ã garantem identidade autoral. cada livro é atravessado por
   
 uma outra q fui, ou q deixei d ser. as “alines” q escreveram esses trabalhos ã
   
 coincidem entre si: diferem no modo d ver, d habitar, d suportar o mundo.

escrever, nesse sentido, ã revela uma unidade, mas expõe uma deriva — uma sucessão d deslocamentos onde o q persiste não é quem escreve, mas a própria necessidade d escrever. escrever é meu maior gesto d liberdade. ]

### [álbum]:[

*[in]porta:nte* é um álbum d photo|grafias q c fez ao longo d dois anos. escrevo “se fez” p/ sustentar a ideia d processo, d algo q persiste enquanto experiência inacabada, + do q enquanto gesto q c conclui. evito também a expressão “foi escrito” pq a escrita aqui não c organiza como centro, mas como uma entre várias matérias q c entrelaçam & c tensionam: imagem, intervalo, ritmo, silêncio. tampouco basta nomeá-lo livro, ainda q o seja; há nele uma recusa discreta, apesar d insistente, d caber inteiramente nessa forma. trata-c, antes, d 1 objeto híbrido, indisciplinado, onde o ver & o ler deixam d ser gestos dissociados & c assumem enquanto espelhamento mútuo. a linguagem, nesse espaço, já ã c limita a dizer: ela c expõe, c movimenta, & c contradiz, tornando-c menos 1 meio e + 1 campo d forças. ]

### [título]:[

a começar pelo título, *[in]porta:nte* — q surge depois, como acúmulo gráfico, culminação verbal d uma série d portas vistas & capturadas —, o álbum recusa a promessa d narrativa. ã há aqui uma história a ser seguida, nem 1 fio q costure linearmente uma porta à outra. o q c apresenta é antes uma deriva: cada imagem insiste em sua própria suspensão, expondo particularidades q fazem romper, d seu óbvio sentido acabado de porta, sua identidade, sua exclusividade. o agrupamento de cartões faz vacilar o sentido estável d “porta”. Já ã c trata de uma identidade assegurada, nem d uma forma exclusiva q c repete, mas d variações q a desarmam por dentro. cada porta deixa d ser “a” porta & passa a ser intervalo, desvio, acontecimento mínimo. o excesso d ver dissolve a evidência. & o q resta não é mais a porta como categoria, mas como campo aberto, onde o olhar hesita, reaprende, & talvez já ã reconheça tão facilmente aquilo q julgava saber. p/ além disso, o título *[in]porta:nte* c abre como 1 pequeno dispositivo d desvio, 1 guia p/ a errância. ele c diz “importante”, sim, mas logo desfaz a

estabilidade do adjetivo ao fraturá-lo, expondo nele uma farsa & o seu verdadeiro endereçamento semântico enquanto gesto: [in]portar. a palavra empregada p/ qualificar 1 sujeito assume, neste título-montagem, a capacidade d agir. já ñ c trata do q é importante, mas daquele que [in]porta, isto é, daquele q c move em direção ao dentro, q atravessa a superfície & busca, em cada porta, ñ 1 sentido dado, mas a possibilidade mesma d uma entrada. há, então, nesse título, uma espécie d torção: o valor c converte em prática, & a palavra, ao c desdobrar, age enquanto abertura & exposição p/ revelar.]

**[coreografia]:** [

ainda assim, algo c organiza, quase à revelia, como uma espécie d simetria discreta, 1 jogo d espelhamentos q c articula a partir d 1 centro, como c o álbum, ou o q dele escapa, c dobrasse sobre si mesmo. & é nesse gesto d dobra, mais do q em qualquer continuidade, q o trabalho confirma sua forma essencialmente provisória, caótica, desobediente. o álbum pode ser lido, atravessado, como resultado d uma experiência em tudo sinestésica: 1 arquivo onde ver já é quase tocar, onde a memória c deposita ñ apenas como imagem, mas como flagrante d 1 corpo em deslocamento. há nele algo d álbum, no sentido + ordinário, claro, mas trata-c d 1 álbum completamente infiel à ideia d estabilidade. afinal, há nele 1 registro do q foi, mas também do q insiste em c refazer a cada novo giro d cartões. ao mesmo tempo, trata-c d 1 gesto q dança, q anda & q erra: uma “andança” q deixa rastros, uma coreo/grafia nunca ensaiada. [in]porta:nte pode ser entendido como o vestígio d uma performance solitária: 1 corpo em deslocamento q percorre, q mede o espaço c/ os pés, q experimenta o chão como quem lê, enquanto recolhe, c/ os olhos, sinais d passagem, marcos d entrada p/ interiores q só podem ser imaginação.]

**[flânerie]:** [

como numa *flânerie*, em q os passos já ñ obedecem a 1 destino, mas ao desejo errante dos olhos, o corpo c deixa conduzir por aquilo q o chama visualmente. caminha-c em direção a algo q queira ser visto, ainda q nunca plenamente. a *flâneuse*, nesse gesto, ñ busca o encontro c/ o outro em sua presença direta, frontal; ela não acredita aqui em qualquer promessa d reconhecimento. o q a

convoca são os vestígios: marcas d 1 espaço vivido até o limite d sua banalidade & q, justamente por isso, está saturado de sentido. superfícies gastas, limiares, frágeis fechaduras, restos d cor, sinais d uma presença q ã c oferece, mas q tampouco desaparece. são indícios d 1 tempo q ã cessou, q ainda faz sua contagem em silêncio, inscrito nas coisas, encarnado. há, então, uma atenção ao quase-imperceptível, ao q resiste à evidência. a *flâneuse* recolhe fragmentos, ã p/ recompor uma totalidade, mas p/ permanecer nos intervalos em q a cidade c desenha p/ fora d qualquer mapa.]

### **[solidão]:[**

caminhar, aqui, ã é apenas deslocar-c no espaço, mas produzir uma escuta do visível. cada porta torna-c 1 enigma mínimo, uma promessa suspensa, 1 ponto d inflexão entre o fora & 1 dentro q ã c deixa capturar. & é justamente nessa distância, 1 tipo d não-acesso, q a experiência c intensifica: tocar & escutar passam a ser sinônimos gestuais do olhar. todo o processo d construção do álbum c deu em regime d solidão, e d 1 silêncio q não é ausência, mas escolha, método, condição. ã houve diálogo c/ quem habita ou atravessa essas portas; nenh'1 encontro, nenhuma troca direta. ainda assim, algo c diz — ou melhor, c imagina e c revela — a partir dessa recusa do contato imediato. porque os textos, embora nasçam desse isolamento, ã são neutros. eles c deixam atravessar pela experiência situada d 1 corpo específico: o d uma mulher q percorre uma cidade marcada (estatisticamente & concretamente) pela misoginia & pela violência dirigida a grupos socialmente vulneráveis. caminhar, aqui, ã é apenas deslocar-c; é também medir riscos, recalcular trajetórias, habitar o espaço c/ uma atenção q é, ao mesmo tempo, sensível e defensiva.]

### **[silêncio]:[**

desse modo, o silêncio do processo ã apaga o mundo, mas o condensa. & o q emerge ã é 1 relato ou registro objetivo dessa realidade, mas 1 conjunto d vozes [portais | postais] q c fazem ouvir imagetivamente em sua aparente estaticidade.]

### **[plasticidade]:[**

considerando a estrutura explicitamente imagética do álbum, a escrita também precisava performar-c visualmente. neste álbum ela também c deixa ver, isto é, ela c revela enquanto matéria, adquire corpo, peso & movimento, como c passasse a ocupar o mesmo regime das imagens. já ã é apenas suporte ou comentário: é grafia, inscrição.】

**[dobra]:[**

no avesso dos cartões, reproduz-c o interior dos espaços q cada porta abriga. ali, como c fossem ecos ou infiltrações, instalam-c blocos d prosa poética: ã exatamente descrições, tampouco traduções do q c vê, mas tentativas d revelar o invisível e avesso do silêncio. o verso torna-c, assim, uma espécie d dentro imaginado, photo|grafado. há, nesse jogo d frente & verso, uma dobra: o fora q c oferece ao olhar & o dentro q só se deixa imaginar pela escrita. & é nessa passagem sempre incompleta q o álbum c estrutura. a palavra ã é apenas aquilo q diz, mas aquilo q c mostra enquanto forma: ritmo, corte, disposição, sonoridade. talvez seja a 1ª vez, entre os três livros q o precedem, em q essa dimensão plástica da linguagem c impõe c/ tamanha nitidez, como c as palavras, até então mais contidas, passassem agora a expor desavergonhadamente sua visibilidade, uma espécie d nudez.】

**[espelhamento]:[**

ñ c trata, portanto, d escrever sobre as imagens, nem d acompanhá-las como legenda ou explicação. há, antes, 1 tenso embate entre duas ordens q c atravessam s/ coincidir. d 1 lado, o q a imagem sustenta em sua opacidade silenciosa; d outro, o q a palavra tenta encarnar, sabendo-c sempre insuficiente. ambas operam como superfícies d inscrição & d desvio: dizem, mas também ocultam; mostram, mas também calam. é nesse intervalo q o trabalho c constrói. as palavras ã traduzem as imagens, assim como as imagens ã ilustram as palavras. o q c produz é 1 campo d fricção, onde cada uma tensiona a outra, abrindo zonas d indeterminação. ler torna-c, então, 1 gesto próximo d ver; ver, por sua vez, aproxima-se d uma leitura q ã c resolve.

**[photo | grafias]:[**

[in]porta:nte, nesse sentido, insiste em sua própria fratura: ã apenas “fotografias”, mas “photo|grafias”. em outras palavras, uma escrita c/ luz. uma luz q escreve, q risca, q inscreve o visível como linguagem & a linguagem como imagem. a ideia é lançar o leitor numa experiência q c faz c/ as mãos, c/ os olhos, c/ o corpo. ao manusear os cartões, algo c desloca: a ordem inicial dos postais c desfaz no instante mesmo em q são manuseados. retirar do envelope ]revelar[, embaralhar, inverter, cada ação reinscreve o percurso. & é nesse gesto mínimo q o leitor c vê implicado: já ã há sequência a seguir, mas uma geografia a atravessar. & c perder c torna uma possibilidade metodológica. 1 labirinto d portas c abre, ã como arquitetura fixa, mas como variação incessante, onde cada combinação engendra 1 outro caminho, uma outra deriva. ã há entrada ou saída, início ou fim. há apenas o intervalo entre uma imagem & outra, entre 1 verso & outro, entre aquilo q c vê & aquilo q c cala. nesse movimento, o leitor empresta aos olhos os gestos dos pés: ele vê caminhando. & percorre c/ os olhos como quem tateia uma cidade desconhecida. ruas sem promessa d chegada, portas q ã c abrem, ou q c abrem apenas como hipótese. uma *flânerie* em q o pensamento c movimenta, onde o sentido ã precede o percurso, mas c produz nele, sempre provisório, sempre à beira d c perder outra vez. ]

Recebida em: 31 de março de 2026.

Aprovada em: 10 de abril de 2026.